

# Bertina Lopes vem aí: de que estamos à espera para lhe prestar uma grande homenagem?

Domingo 10/9/2000 p.32

Augusto de Carvalho, em Roma

Costuma dizer-se que não faz sentido ir a Roma e não ver o Papa. Para um moçambicano, ir a Roma e não procurar Bertina Lopes é uma perda. Perda porque Bertina Lopes é um monumento vivo e dinâmico à cultura moçambicana, uma das artistas de referência obrigatória no panorama artístico europeu.

## MOÇAMBIQUE EM ROMA

Bertina é Moçambique em Roma, é-o na fala, com um português italianizado, cocktail de Camões, Zé Craveirinha e Pasolini, que os amigos baptizaram de bertinês. Mas é-o, sobretudo, no coração, donde brota a fala densa e constante. Conforme escreve o texto bíblico, que nisto de intimidades radiografava os corações, "a boca fala da abundância do coração". O coração de Bertina é sobretudo Moçambique e a fala também com as suas alegrias e sofrimentos, com as suas angústias e ironias, desesperos e esperanças, com o seu riso aberto e magoado, a sublinhar cenas de desumanidade que a revoltam, mas concentram, a explodirem nos seus quadros de uma densidade telúrica que te levam a viagens ao interior de ti mesmo e ao âmago do povo moçambicano, já envolvido no concerto e desconcerto de outros mundos. A sua arte é esperançosa.

## A SÁTIRA

Bertina brinca constantemente, satiriza e recorre ao palavrão, com o à vontade que lhe vem de analisar a alma do povo na sua expressividade mais castiça, descontraída e profunda, sem olhar a que, nem a quem.

De Bertina dizia o poeta Rui Nogar que "nos seus quadros vemos conquista, desespero e ódio ao ódio. A sua tela denota explosão cromática, linear e, sobretudo, explosão humana, mas feroz". Gata assanhada contra o ódio institucionalizado, mas coração mole de se dar aos pedaços.

## NA EMBAIXADA DE MOÇAMBIQUE

Bertina é uma amiga de longa data. Fomos encontrá-la, por acaso, na Embaixada de Moçambique, em Roma, durante um encontro que mantivemos com o Encarregado de Negócios, Dr. Sigauqui, acompanhado do chefe do Departamento de Finanças, Sr. Langa.

Sigauqui não tem mãos a medir já que representa Moçambique, em Roma, em Atenas, em S. Marino e na FAO. Um jovem quadro, que, apesar da sua idade, se há com destreza naquele mundo complexo dos negócios estrangeiros.

São poucos os funcioná-

rios da nossa embaixada em Roma, poucos mas competentes, pelo que nos foi dado verificar.

## OS EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Há cerca de dois anos que Moçambique não tem embaixador em Roma, a razão não a procurámos, embora nos tenha parecido um tanto estranho. O Dr. Leonardo Simão lá sabe. Connosco foram de uma delicadeza extrema, que queremos agradecer-lhes publicamente, em nome do **domingo**, colocando-se à nossa disposição, enquanto jornalista, para nos ajudarem, se de ajuda necessitássemos. Explicaram-nos que existem, em Itália, relativamente poucos moçambicanos. Moças que casaram com italianos, estudantes, com predomínio

dos seminaristas e um que outro boleiro, para além de empregados domésticos. Aliás, estes, os empregados domésticos, vivem uma situação complexa. São pagos, em geral, pelo salário mínimo nacional, na casa dos seiscentos dólares. Só que, também, regra geral, os seus patrões não os legalizam junto dos respectivos serviços sociais, o que faz que não tenham direito a qualquer tipo de assistência, muito menos à reforma. E não legalizam para não pagarem as taxas ao Estado que são quase o dobro do salário. Se fossem italianos ou europeus, outro galo cantaria. Mas voltemos a Bertina.

## A CASA DE BERTINA

Bertina habita no centro de Roma, a dois passos da Estação Termini, que desagua em Roma todos os dias mi-

lhares e milhares de viajantes, uma estação que é ponto de encontro, cafés, restaurantes, livrarias, supermercados, casas de moda, farmácias e capela, em microcosmo estuante de vida. Vive com seu marido Franco e os seus quadros, que ocupam a casa toda. Do maravilhoso terraço, feito sala de visita e jantar, podes contemplar meia Roma, Vaticano incluso. O Vaticano onde te perdes na contemplação de Miguel Angelo, pintor, escultor e arquiteto genial. Bertina confessa ter por ele "uma paixão mórbida".

Bastava o Júlio Final, a Basílica, a Pietà, o Moisés, este na Igreja de S. Pietro in Vinculis. Dá para remoer, rir e chorar, sentares-e em silêncio e ficas para ali, alheio a tudo e todos, porque demasiado cheio por dentro. Tiveste razão, Bertina, em te banhares nas profundezas de Roma,

que é Humanidade em cada esquina e pedaço de pedra, conservadas com esmero e carinho. Uma Humanidade feita de grandezas e miséris, de grandes santos e enormes pecadores, entrosados uns nos outros, mas a indicarem a marcha da evolução histórica em aberturas de esperança.

## MENSAGENS OU SENTIMENTO NAS PAREDES

Bertina gosta que os visitantes, que mais preza, confiem às paredes a sua mensagem: lá está o sentir de Joaquim Chissano, de Gorbachiov, de Mário Soares e tantos outros que já é difícil encontrar espaço para mais um. Mas sempre se arranja.

## PRÉMIOS FALANTES

Da grandeza do seu coração e da Humanidade que lhe vai dentro, uma alma profundamente moçambicana em formulações de índole europeia ou mundial, fala, que nem gente, o prémio Rachel Carson, da "Rachel Carson Memorial Foundation", com sede em Nova Iorque, que lhe foi atribuído, em 1991, com a União Europeia dos Críticos de Arte a afirmar que Bertina realiza um trabalho exemplar, de uma mulher de grande empenho civil que põs as suas capacidades artísticas e o seu contributo para a infância e a pobreza do Terceiro Mundo, no mesmo plano de espírito que animou a bióloga americana, Rachel Carson, para um melhor e mais seguro futuro do planeta dos seus habitantes. Disseram estes críticos que Bertina, criadora exótica, fruto de experiência pictórica, escultórica e monumental, sabe fundir as tradições moçambicanas e africanas com uma cultura europeia contemporânea, em valores estéticos e éticos que servem de lastro à unidade dos povos, das culturas, das raças, religiões e ideologias.

Bertina foi a primeira mulher africana a receber este prémio, o que acontece depois de Indira Gandhi e Madre Teresa de Calcutá. A 30 de Janeiro de 1992, Bertina Lopes recebia, pela sua arte, na sala nobre do Senado, em Roma (leia-se a propósito, que vale a pena, a excelente reportagem de Vieira Mário, poeta, jornalista, cantor e compositor, no "Notícias", em 19 de Abril do mesmo ano), o Prémio La Plejade, enquanto Mickail Gorbachiov era galardoado com o mesmo prémio pela política internacional. Foi-lhes atribuído por um júri presidido, então pelo Primeiro-Ministro italiano, Giulio Andreotti, integrado por individualidades da Comunidade Europeia. Já em 1388 a União

Europeia e dos Críticos de Arte lhe atribuirá o Grande Prémio de Honra em reconhecimento "à intensidade cromática, preciosidade de estilística, originalidade compositiva e profundidade temática do discurso pictórico e escultórico da criadora africana que "ama o que pinta e esculpe e pinta a ideia que ama". Nessa altura pronunciou-se sobre Bertina Lopes o Presidente da União Europeia dos Críticos, Carlo Savini, da seguinte forma (fomos roubar o texto ao Vieira Mário): "sem dúvida que Bertina Lopes é hoje uma personalidade de relevância civil, cultural e artística a nível internacional, autora de uma obra universalmente reconhecida com uma feliz mediação entre o estilo tradicional da cultura africana e as experiências mais apuradas da moderna expressão europeia. Uma mediação que torna ainda mais universal a linguagem artística e o seu conteúdo, ultrapassando a caracterização específica da civilização, raça, religião ou ideologia, para assumir o valor de uma autêntica dimensão humana, sem fronteiras, nem distâncias".

## OS ENCONTROS EM SUA CASA

Digamos que Bertina Lopes tem o condão de pintar, sublinhando, tudo aquilo que é bom. É o desabafo que lhe vem de dentro, dos subterrâneos mais profundos da sua personalidade.

Em sua casa convivemos, num jantar requintado, com o marido Franco a cozinhar uma pasta gostosa e Bertina, um bachelar que baptizou de Vasco da Gama (com outros dizeres que não vêm para aqui relatar), com personalidades italianas de vários quadrantes do pensamento. Bertina costuma organizar estes encontros, sempre em função de Moçambique e aproveitou a ocasião para pôr o encarregado de negócios em contacto com dois líderes evangélicos que pretendem vir a Moçambique em trabalho de desenvolvimento.

Bertina é uma autêntica embaixadora de Moçambique, que honra o seu país, um nome para escrever em caixa alta, uma mulher daquelas em que quem poder não vai ter a morte, como acentuaria Camões, se estivesse vivo.

Ela vem até nós brevemente. Ainda este ano. A mamã Bi, como carinhosamente lhe chamam os seus mais íntimos, a começar pelo Presidente Chissano.

Bertina é enorme lá fora. Maior que cá dentro. De que estamos à espera para lhe prestar uma grande homenagem?

